

MOEDA

REVISTA PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, MEDALHÍSTICA E NOTAFILIA
VOLUME XXXVIII N.º 4 Outubro / Dezembro 2013 - € 5,00 - Publicação Trimestral



A moeda que enganou Teixeira de Aragão

MOEDA

REVISTA PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, MEDALHÍSTICA E NOTAFILIA
VOLUME XXXVIII N.º 4 OUTUBRO/DEZEMBRO 2013 - € 5,00 - Publicação Trimestral

SUMÁRIO:

Coluna Aberta.....	211
Ilustres Desaparecidos, mas não Esquecidos (Manuel Vidal)	212
Novidades Nacionais.....	217
Novidades Internacionais	223
Portugueses e Portugaleses na Europa da Hansa - Parte IX: Amoedações dos Países Baixos - Deventer e Zwolle, 1640-1641 (António M. Trigueiros)	228
Medalhística	252
Venda a Preço Fixo	253
Índice Vol. XXXVIII	259

Ficha Técnica:

Director: Reis Mendes

Editor: Publinummus, Lda.

Colaboradores: António M. Trigueiros, J. Pedra, Jaime Ferreira, Javier Salgado, Manuel Vidal (Holanda), Montalvão e Silva, Reis Mendes, Rui Monteiro (Brasil).

Secretariado: Adelina Correia

Informática: André Correia

Fotografia: Joana Reis.

Impressão e Acabamento:

GTO 2000, Lda. - Bombarral

Redacção e Administração:

R. Pinheiro Chagas, 28, 2º Esq. 1050-178 Lisboa

Tel: 213561493 - 962582958 Fax: 213575138

E-mail: revistamoeda@hotmail.com

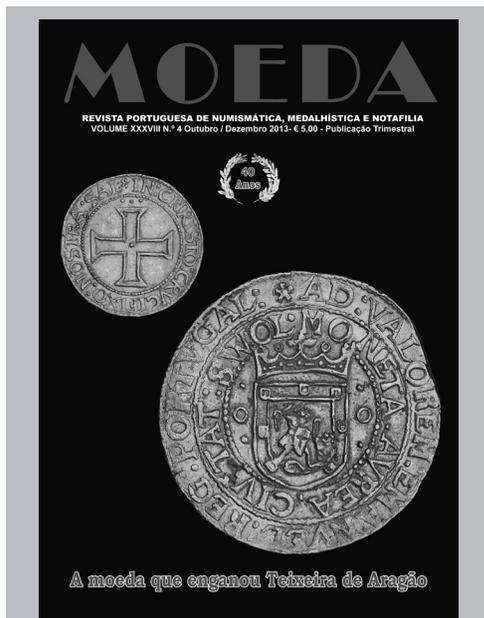
Periodicidade: Trimestral

 **Publinummus**
PUBLICAÇÕES DE NUMISMÁTICA LDA.

www.revistamoeda.net

Tiragem 5.000 exem. Dep.Legal n.º 88352/95

Registo publicação n.º 101538 ISSN 0872-8305



A Nossa Capa

Durante mais de cem anos, historiadores, professores e cronistas fizeram fê no que Teixeira de Aragão escreveu na sua *Descrição Geral e Histórica das Moedas*, acerca de uma estranha moeda, da qual só se conhecia uma reprodução em chumbo na Biblioteca Nacional, em Lisboa, do mais famoso numisma de todos os tempos em Portugal: o primeiro, o original *Português de Ouro* manuelino, que D. Vasco da Gama teria levado na sua viagem primeira à descoberta da Índia, em 1497.

Mas essa moeda - sabemos hoje - só foi cunhada em 1641, e essa é a história que se reconta e documenta neste número.

NACH PORTUGALIS SIROT UND KORN

Portugueses e Portugaleses na Europa da Hansa

PARTE IX – Amoedações dos Países Baixos: Deventer e Zwolle, 1640-1641

*António M. Trigueiros,
com a colaboração especial de Albert A.J. Scheffers*

Preâmbulo – Onde se fala de um Portugalóide holandês numa colecção brasileira

No dia 7 de Setembro de 1979 deu entrada no gabinete de apoio à Presidência da República, em Lisboa, uma carta do cidadão brasileiro Leoni Kaseff do Rio de Janeiro, propondo a aquisição pelo Estado Português de um “Português” de ouro de D. Manuel I, pelo valor de 2 milhões de dólares US. Despachada com pedido de informação para o Ministério das Finanças, e deste para a Secretaria de Estado do Tesouro, seria endereçada com a mesma finalidade à Administração da INCM, onde deu entrada a 23 de Outubro desse ano. Pouco depois, a 19 de Novembro, recebi o pedido do administrador Dr. João de Almeida Ricardo, para fazer uma apreciação dessa proposta, que permitisse à INCM transmitir em termos abalizados uma informação sobre o assunto. Do estudo aprofundado que tive que fazer iria resultar uma paixão numismática que me acompanha até hoje.

Na carta de 3 de Setembro de 1979, Leoni Kaseff, escritor, jornalista e professor, com uma reconhecida obra de intervenção cultural e pedagógica no campo das ciências da educação, dava conta de ser possuidor no seu “numofilácio” pessoal, de uma peça que reputava das mais preciosas da numária portuguesa, que descreve e ilustra como **o primitivo Português de ouro de D. Manuel I, aquele que o Gama terá levado na sua primeira viagem à Índia**, conforme a reputada catalogação do mestre Teixeira de Aragão na sua *Descrição Geral e Histórica das Moedas*, de 1874. Seria o único exemplar conhecido dessa estirpe numismática do maior quilate, já que o mestre lusitano só conheceu uma cópia em chumbo de uma moeda de ouro, que existia numa colecção portuguesa até ser roubada pelos invasores franceses em 1808.

Referia-se, e cito, «**à extraordinária moeda áurea batida em Zwolle, na Holanda, e que, por seu novo e majestoso estilo, deu origem a uma estirpe de esplêndidos ducados: a dos Portugueses, em Portugal, e a dos Portugalösers, na Alemanha, Dinamarca, Suécia e outros países.**»

Na informação e parecer que transmiti à INCM, dei conta de que essa moeda não

era, na realidade, nenhum exemplar de “português de ouro” e, muito menos, um protótipo holandês que tivesse estado na origem da cunhagem em Portugal dessas grandiosas moedas, mas tão somente, um raro exemplar de um “portugaloser” holandês batido na cidade de Zwolle, em imitação das famosas moedas manuelinas. Acrescentei que Teixeira de Aragão se tinha enganado na sua catalogação, e que, num recente estudo, o engenheiro Ferraro Vaz tinha desmitificado a importância de tal peça em cópia de chumbo na Biblioteca Nacional. Finalmente, informei que o seu valor comercial estava muito inflacionado, sugerindo a sua compra pelo valor de 30 mil US dólares, um valor bem equivalente aos maiores valores alcançados em leilões internacionais da época.

Não sabia, nesse ano de 1979, que a moeda oferecida pelo prof. Kaseff era o terceiro exemplar conhecido (os outros dois estavam em museus de Haia e de Amesterdão), exemplar esse que era totalmente desconhecido dos estudiosos holandeses, ou seja, não era proveniente de nenhum leilão na Europa, mas estava no Brasil quando foi adquirido por Kaseff. O aparecimento deste terceiro exemplar, numa colecção brasileira, seria uma peça chave na decifração de um dos grandes enigmas numismáticos que desde à mais de século e meio vem rodeando a origem destes Portugalóides holandeses: -- a que mercado eram destinados? Seriam moedas ou medalhas?

O exemplar da colecção do prof. Leoni Kaseff, do Rio de Janeiro, foi depois adquirido pelo coleccionador português Carlos Marques da Costa, encontrando-se hoje na colecção numismática do Banco Espírito Santo, em Lisboa, vindo ilustrado no respectivo catálogo.

Introdução – A República das Províncias Unidas e as cidades hanseáticas de Deventer e Zwolle

Até o século XVI os Países Baixos eram constituídos por uma série de ducados, condados e bispados independentes, abrangendo territórios correspondentes à actual Holanda, Bélgica, Luxemburgo e norte da França. O imperador Carlos V, nascido na cidade flamenga de Gent em 1500 e herdeiro dos poderosos domínios da casa de Borgonha, dos Habsburgos austríacos e dos reinos da Espanha, unificou em 1549 as dezassete províncias dos Países Baixos sob o seu domínio, declarando que deveriam ser consideradas como um todo. Após a sua abdicação em 1556, as províncias dos Países Baixos passaram para o filho, Filipe II de Espanha, cuja política de perseguição religiosa dos protestantes, e os altos impostos cativados levaram à revolta dos povos. Em 1568, algumas províncias do Norte protestante levantaram-se contra os governantes espanhóis, iniciando uma guerra que demoraria 80 anos a terminar. Começa aqui o processo histórico que levaria a separação física entre as províncias dos Países Baixos do Norte e as futuras províncias belgas, dos chamados Países Baixos do Sul, de maioria católica, que não conseguiram libertar-se do domínio dos Habsburgos espanhóis.

A União de Utrecht, firmada em 1579 entre as províncias neerlandesas do Norte, constitui o marco histórico da fundação de um novo estado, declarado independente em 1581 por um acto de abjuração sobre Filipe II e todas as suas crenças (no mesmo ano em que Portugal lhe prestava vassalagem nas cortes de Tomar), estado esse que assumiria em 1588 o estatuto de República das Sete Províncias Unidas (Holanda,

Zeeland, Gelderland, Utrecht, Overijssel, Friesland e Groningen-Ommelanden). Um estatuto que só seria reconhecido pela Paz de Vestefália, em 1648.

A República foi governada pelos Estados Gerais, uma assembleia ou parlamento em que todas as províncias estavam representadas, mas com grande autonomia local. Cada uma das sete províncias era soberana em muitos assuntos, incluindo o da cunhagem de moeda, um privilégio anteriormente recebido dos imperadores do Sacro Império e que essas cidades mantinham com grande intransigência.

A situação de guerra no sul teve efeitos catastróficos na economia local. Em 1585, a cidade de Antuérpia foi saqueada pelas tropas espanholas, e milhares de protestantes fugiram, abandonando as cidades do sul (Flandres), deslocando-se para as cidades mais seguras do norte. Essa imigração, calculada em cerca de 300 mil pessoas, traduziu-se numa enorme vantagem competitiva para a nova República, já que não era só uma grande força de trabalho adicional, mas também, porque muitos eram ricos comerciantes dos entrepostos de Antuérpia e de Gent, que levaram para o norte o seu capital e a sua experiência comercial.

Em poucos anos, Amesterdão, na Holanda, tomou o lugar de Antuérpia como entreposto comercial privilegiado na costa do Atlântico Norte, e a República das Províncias Unidas tornou-se o centro da economia mundial, liderando a construção naval e, através desta, dominando o transporte marítimo e o comércio mundial. Amesterdão seria também a sede operacional de inovadores mercados bancário e bolsistas, a quem se deve o financiamento da expansão marítima neerlandesa.

Em todo este processo de mudança e de conquista de novos mercados ultramarinos, interessa-nos aqui referir o papel desempenhado pelas principais cidades da província de Overijssel, cujo nome significa “sobre o rio Issel” (um dos grandes braços em que se divide o poderoso rio Reno, à sua chegada a território holandês), posicionadas ao longo desse rio, respectivamente, do seu delta para o interior, Kampen, Zwolle e Deventer.

Desde tempos recuados que estas cidades eram a porta de entrada para o interior dos Países Baixos das mercadorias do norte europeu, por via do tráfico do Báltico: peixe seco da Escandinávia; carne, cereais e madeira para construção vinham do Báltico; tecidos, linho e roupas, da Flandres; carne e peixe do norte da Alemanha; e pedra, muita pedra para a construção das cidades, que vinha das montanhas alemãs pela via fluvial do Reno. Na idade média, as três cidades juntaram-se à Liga Hanseática alemã e souberam aproveitar os benefícios de uma associação de comerciantes-guerreiros, com os seus privilégios comerciais, os seus bem armados navios e muitas cidades aderentes, desde a Rússia até aos portos da Inglaterra. Desse comércio lucrava a cidade com as taxas portuárias e alfandegárias, ao mesmo tempo que garantia a segurança dos comerciantes dentro das suas portas.

A guerra dos Oitenta Anos iria alterar tudo. O foco do comércio deixou de se situar no mar Báltico, passando para o Oceano Atlântico e depois para o Índico. A Liga Hanseática perdeu o poder que até então detinha e em 1655 extinguiu-se.

Do Báltico para as Índias Orientais e Ocidentais – A anexação de Portugal e do seu império ultramarino à coroa espanhola, em 1580, e o conseqüente bloqueio do transporte para os Países Baixos dos produtos coloniais que aportavam aos portos portugueses (açúcar do Brasil; especiarias das Índias; ouro da Guiné), obrigou os comerciantes holandeses a procurarem outras soluções de acesso aos longínquos

mercados produtores. Para tal investiram fortemente na construção naval, criando novos tipos de navios, mais pequenos e mais velozes que os até então existentes, e lançaram-se à conquista do comércio transoceânico.

Em 1602 seria criada a VOC (ou Companhia Holandesa das Índias Orientais), uma companhia privada, financiada por accionistas, que recebeu o monopólio do comércio entre a República das Províncias Unidas e a Ásia, desde o cabo da Boa Esperança até ao estreito de Magalhães, até então dominado por portugueses e espanhóis. Com um capital inicial de 6,429 milhões de florins (cerca de 5,8 toneladas de ouro) e dispondo de um exército privativo, a VOC iniciou uma actividade militar contra as possessões espanholas e portuguesas na Ásia, de que iria resultar o domínio do comércio do Oceano Índico durante todo o século XVII.

Seguir-se-ia a fundação em 1621 da WIC (ou Companhia Holandesa das Índias Ocidentais), igualmente uma empresa cooperativa que recebeu o monopólio do comércio no Atlântico, desde a Terra Nova até ao estreito de Magalhães, bem como na costa da África Ocidental. O seu objectivo principal era o domínio do comércio de açúcar brasileiro, o que levou a Companhia a conquistar Pernambuco em 1630, para de seguida conquistar Luanda (1641) e passar a controlar o comércio de escravos africanos para o Brasil (sem os quais a indústria açucareira não funcionava). Com a conquista da Mina (1637), assenhoreou-se também do comércio de ouro africano pela via atlântica, que tinha sido a base da economia portuguesa desde 1480.

A perda do monopólio do açúcar da WIC no Brasil - Entre os accionistas da WIC figurava a cidade de Deventer, sendo que, em 1638, o capital da companhia foi aumentado para 10 milhões de florins (cerca de 9 toneladas de ouro), com Amesterdão como sócio principal (70% das acções). Foi nesse ano que teve lugar um acontecimento de importância para a nossa história monetária: sob a pressão dos accionistas dominantes, a Companhia viu-se obrigada a ceder o seu monopólio comercial com o Brasil e com o Caribe, que desde então ficou aberto aos accionistas, mediante pagamento de uma taxa compensatória. Dos 6 a 7 milhões de libras (de 492 g a libra troy holandesa, ou seja, 2,9 a 3,4 mil toneladas) de açúcar exportados pelos holandeses do Brasil entre 1637 e 1645, com um valor de cerca de 4 milhões de florins na Europa (3,6 toneladas de ouro), a Companhia apenas manuseou desde então um terço, tudo o resto ficou nas mãos de particulares.

Começa aqui a história dos Portugalóides holandeses, cunhados em 1640 em Deventer e em 1641 em Zwolle, com um destino que até agora era desconhecido dos historiadores: o Brasil holandês.

Amoedações de Portugalóides na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos – Província de Overijssel Cidades de Deventer e Zwolle, 1640-1641

A – Cidade de Deventer

Um das mais antigas cidades holandesas, com esse estatuto desde o ano de 956, Deventer ficou a dever a sua prosperidade económica, em primeiro lugar, à sua localização geográfica, na margem leste do rio Issel, na confluência das principais estradas que ligavam Lubeque, a norte, e Munster, a leste, a Utrecht e a Antuérpia, no sul

flamengo, bem como, à existência de um porto capaz de receber navios de grande calado, e às suas muitas feiras anuais. Foi um destacado membro da Liga Hanseática, com relações privilegiadas com a Noruega, donde importava peixe seco (hadoque e bacalhau). Iniciou a cunhagem de moeda de prata muito cedo, em nome dos imperadores Oto III (983-1002) e Henrique II (1002-1024), mas só em 1486 recebeu de Frederico III o privilégio de amoechar ouro, com o privilégio de ser uma cidade livre imperial. Com o início da guerra com Espanha e a adesão em 1580 da província de Overijssel à União de Utrecht, Deventer ficou na linha da frente dos combates, tendo sido conquistada pelos espanhóis em 1587 e libertada pelas forças republicanas em 1591. Desde então a sua importância regional diminuiu, à medida que aumentava a concorrência comercial entre as várias cidades neerlandesas e o seu porto ia ficando cada vez mais assoreado, um acontecimento que ao longo dos anos afectou todas as cidades portuárias ao longo do Issel.

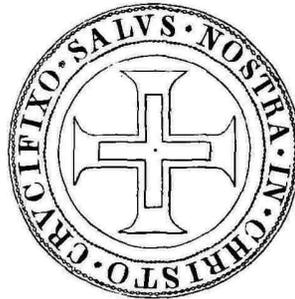
As moedas das três cidades - Com a integração, por conquista em 1528, da província de Overijssel nos domínios de Carlos V, cujo governo central se encontrava em Bruxelas, Deventer, Zwolle e Kampen acordaram numa união monetária que prevenisse qualquer tentativa de proibição de fabrico das suas moedas municipais, ou seja, que tentasse revogar os anteriores privilégios. Entre 1534 e 1583, as três cidades emitiram moedas com o mesmo tipo comum (os três escudos equilaterais no anverso), repartindo entre si custos e lucros das amoeдаções, cunhadas na casa da moeda de Deventer. A ameaça espanhola fez mudar a cunhagem em 1583 para a cidade de Kampen, onde continuou até 1588.

TIPO NL1/DEV – Deventer, Portugalóide (10 ducados) s/d (1640). Anverso e reverso à maneira dos Portugueses de ouro de D. Manuel I. No escudo, a águia das armas municipais. Gravador dos cunhos Jacob Pauwels, da casa da moeda da Frísia Ocidental; moedeiro Johan Wijtgens (marca monetária: flor-de-lis)

Anv: ✠ * ME * VIGILANTE * FLORET * DAVENTRIA * (Enquanto eu vigio, Deventer floresce) // * VALORIS * PORTVGALLICI (*Do valor dos Portugueses*), em dois arcos de círculo concêntricos, entre cercaduras peroladas e lisa. Ao centro, um escudo coroado de formato português, tendo ao centro um escudo com a Águia das armas municipais e, na bordadura (dos castelos), quatro escudetes com as armas da província de Overijssel (três faixas onduladas centrais), intercalados com quatro águias.

Rev: • IN * CHRISTO * CRVCIFIXO * SALVS * NOSTRA (*In Christo Crucifixo (Pendet) Salvatione Nostra – De Cristo crucificado depende a nossa salvação*), entre cercaduras peroladas. Ao centro, circunscrita numa cercadura lisa, a cruz da Ordem de Cristo, com as pontas dos braços de recorte curvo.

● *Portugalóide ou 10 ducados*, ouro, dia. 39 mm, peso 35 g. Só se conhece a existência de um único exemplar, que em 1848 pertencia à colecção Martinus van Doorninck, coleccionador e historiador de Deventer. A fotografia que reproduzimos foi tirada em Lisboa, em 1984, do exemplar existente na colecção Carlos Marques da Costa, hoje colecção numismática do Banco Espírito Santo, onde já não figura, sendo o seu paradeiro actual desconhecido. Bibliografia: Verkade 1848, p. 184; Cost Jordens, *Overysself Almanak* 1855, pp. 59-60; Trigueiros 1984, pp. 24-25; Friedberg falta.



Cost Jordens 1855, estampa p. 122

A gravura desta moeda foi copiada da gravura do português de ouro de D. Manuel I, que figura impressa nas muitas edições das “Ordenanças, Estatutos e Permissões” para aceitação no giro dos Países Baixos das moedas de prata e de ouro, publicadas desde 1544 (em neerlandês: *Ordonnantie, Statuut ende Permissie*, e também: *Die ongevaluweerde ghouden ende silveren munte*; ou ainda: *Beeldenaer Ofte Figuerboeck*), onde figuram também várias moedas portuguesas de ouro e de prata admitidas no giro. A gravura do Português manuelino, com os braços recurvados e uma cruz grega interior bem marcada, conhecido pelo nome de o Grande Cruzado de Portugal, repete-se em todas as edições até 1626, tendo deixado de figurar na edição de 1633 das “Ordenanças e Instruções para os Cambistas” (*Ordonnancie en Instructie voor de Wisselaers*).

O primeiro escritor a reportar a existência desta moeda foi Pieter Verkade, em 1848, no seu *Livro das Moedas da República das Sete Províncias Unidas*, onde deixou registado um apontamento sobre a moeda de Deventer e publicou o desenho da moeda de Zwolle, encontrada em 1829 numa escavação, informando que o português de Deventer estava na colecção de Van Doorninck, cidadão de Deventer, e o de Zwolle tinha sido recolhido no gabinete de moedas da colecção real em Haia:

«963b. *Entre as moedas cunhadas nas cidades de Overijssel, existem dois Portugalezers, um de Deventer e o outro de Zwolle. Não encontramos referências a estas moedas nas Ordenanças impressas; apenas sabemos que por vezes os governos locais cunhavam moedas para exportar, imitando as moedas estrangeiras. A razão para a cunhagem destas moedas também pode ser encontrada na intenção de servir para pagar produtos portugueses. Estas moedas existem em ouro e têm gravuras muito semelhantes às do grande cruzado de Portugal. Na frente tem uma cruz e no outro lado as armas de Portugal, mas em vez de terem as cinco quinas, tem as armas de Deventer (uma águia), com duas legendas no bordo, sendo na legenda exterior ME VIGILANTE DAVENTRIA e na legenda interior VALORIS PORTUGALLICI. A legenda na frente é IN CHRISTO CRUCIFIXO SALVS NOSTRA.»¹*

Em 1855 é publicado o importante estudo de Cost Jordens, *Contribuições para a história da Casa da Moeda de Deventer*, onde aparece pela primeira vez impresso o

¹ VERKADE, Pieter. *Muntboek, bevattende de namen en afbeeldingen van munten: geslagen in de zeven voormalig Vereenigde Nederlandsche Provinciën, sedert den vrede van Gent tot op onzen tijd* (Livro da Moedas, contendo os nomes e as imagens das moedas cunhadas na anterior República das Sete Províncias Unidas, desde a paz de Gent até ao presente dia). Shiedan: P.J. van Dijk, 1848, pp. 183-184 (estampa 227.4)

desenho do portugalóide dessa cidade e a transcrição exacta da decisão municipal de 9 de Outubro de 1640, que autorizou essa amoedação:

«Este período inclui os chamados Portugaloisers. Estes foram supostamente feitos neste país por casas de moeda locais, tendo como modelo o grande Cruzado de Portugal, e destinados à exportação para o exterior, onde poderiam ser vendidos com lucro, tal como foi feito com muitas outras moedas.

O moedeiro-chefe (Johan Wijntgens) obteve autorização para cunhar (a martelo) estas moedas por decisão de 9 de Outubro de 1640, que se encontra no Anexo C.

Uma das peças sobreviventes pode ser encontrada na colecção do falecido Sr. Martinus van Doorninck, desta cidade, e um segundo exemplar está no Gabinete Real de Haia, que foi encontrado em 1829 numas escavações em Arnhem. Este último é de Zwolle, onde os vereadores e o conselho municipal da cidade de Zwolle tinham passado a licença em 18 de Fevereiro de 1641.

É muito duvidoso que sejam moedas que já se encontravam na circulação, dado o conteúdo da decisão (de Deventer), embora seja estranho que sejam chamadas de medalhas honorárias, e ainda mais, é estranho que não se tenha encontrado nenhuma regulamentação sobre o seu peso ou conteúdo (liga), ou em relação a este tópico em geral. Dos cunhos, que ainda estão em Deventer, damos uma imagem. Foram gravados noutra local, já que naquela época não era possível fazê-lo na cidade.

Johan Wijntgens faleceu no final de 1644 ou no início de 1645. O governo local confiscou os cunhos na casa da moeda (a 8 de Fevereiro de 1645).»²

Foi com base nestas datas que começamos a tentar encontrar os originais das decisões municipais sobre a cunhagem dos portugalóides em Deventer e em Zwolle. Recebemos então uma preciosa ajuda, do nosso amigo de longa data Albert A. J. Scheffers (antigo director do museu numismático da Real Casa da Moeda da Holanda), que nos encaminhou para o Arquivo da Cidade de Deventer, para o Centro Histórico da Província de Overijssel, em Zwolle e para o Arquivo Nacional dos Países Baixos, em Haia, fornecendo as primeiras pistas de como consultar estes arquivos online. O que lá encontramos sobre a casa da moeda de Deventer, com interesse para este estudo, fica aqui registado.

Arquivo da Cidade de Deventer – Inventário dos documentos relativos à Casa da Moeda de Deventer, ID 0701 (Inv. n.º e data)

Inv. Nr. 898-96 / 1640, 24 de Julho

Comissão da cidade de Deventer para Jacob Pauwels, gravador de cunhos da casa da moeda de West-Friesland, autorizando a gravar os cunhos para os Dalder de Leão, de cuja cunhagem foi encarregue o mestre Johan Wijntgens

Inv. Nr. 902-37 / 1640, 23 de Julho

Comissão para o mestre moedeiro da cidade Johan Wijntgens amoedar os Dalder de Leão, de acordo com o padrão das moedas da “generalitat”

Inv. Nr. 902-38 / 1640, 24 de Julho

² JORDENS, W. H. Cost. “Geschiedenis van de Deventer Munt”, in Overijsselsche Almanak van Oudheid en Letteren 20 (Contribuições para a História da casa da moeda de Deventer, no Almanaque de Overijssel das Antiguidades para 1855, 20º ano). Deventer: J.P. Lange, 1855, pp. 59-60 (gravura p. 122)

Carta do Governo a Jacob Pauwels, gravador de cunhos de West-Friesland, autorizando-o a gravar os cunhos para o Dalder de Leão, conforme o desejo do mestre Wijntgens

Inv. Nr. 902-39 / 1640, 9 de Outubro

Comissão para o mestre moedeiro para a cunhagem de medalhas de ouro com o valor dos Portugaloisers (reproduzida na íntegra no Almanaque de Overijssel, de 1855, p. 94) – *ver a transcrição mais abaixo*

Inv. Nr. 902-40 / 1640, 9 de Outubro

Decisão do Governo, autorizando o mestre moedeiro a fazer gravar os cunhos para os Portugaloisers onde sejam melhor feitos, porque na cidade não é possível fazê-lo.

Inv. Nr. 902-42 / 1645, 8 de Fevereiro

Informação de terem sido recolhidos na casa da moeda, conforme decisão do Conselho Municipal, os cunhos de serviço dos ducados, Dalder de Leão e do Wildeman de 1609

Transcrição e tradução do documento de 9 de Outubro de 1640, publicado no anexo C. do estudo de 1855 por Cost Jordens (adaptado para holandês moderno e traduzido para inglês pelo Sr. Dick Purmer, sócio honorário da Real Sociedade Numismática da Holanda)

BIJLAGE C - Besluit van de Regering te Deventer met betrekking tot de Portugaloezers

«Wij, Burgemeesters – Schepenen en de Raad van de Stad Deventer betuigen in het openbaar, certificerend voor de echte waarheid en omdat wij hierbij wij onze muntmeester Johan Wijntgens, met provisie en tot herroeping hebben toegestaan en hem bij deze toestaan om te mogen munten gouden ere-penningen, hele en halve naar de waarde van de *portugalloiser*; die de arend (*onder het stadswapen*) heeft met deze inscriptie *Me Vigilante floret Davantria*, daaronder *Valoris Portugallici*, aan de ene, en het kruis met deze woorden *In Christo Crucifixo salus nostra* aan de andere zijde. Zonder dat enige kosten tot de lasten van de stad zullen mogen worden gebracht. Tot getuigenis naar de waarheid hebben wij stads secretariaats zegel beneden aan het stuk doen hangen. Opgesteld in het jaar 1640 de negende Oktober»

ANEXO C - Decisão do Governo de Deventer sobre os Portugaloisers, de 9 de Outubro de 1640

«Nós, Prefeito, Vereadores e do Conselho da Cidade de Deventer, publicamente declaramos, atestando a verdade, porque já concedemos ao nosso mestre moedeiro Johan Wijntgens permissão para mandar executar, vimos (*agora*) permitir que ele cunhe medalhas honorárias de ouro, do valor inteiro e de metade do valor do Portugaloisers, com a águia (*no brasão de armas*) e a inscrição *Me Vigilante floret Davantria*, envolvendo *Valoris Portugallici*, de um lado, e a cruz no outro lado com estas palavras *In Christo Crucifixo salus nostra*. Será comercializado sem quaisquer encargos para a cidade. Para certificar a verdade, vamos apor o selo do nosso secretariado da cidade neste documento. Feito no ano de 1640, no dia nono de Outubro»

Esclarecida que fica a cunhagem destas raras moedas, amoedadas conforme o “Valoris Portugallicis” desde finais de 1640, sem quaisquer custos para a cidade de Deventer, subsistia no entanto a grande dúvida: quem as encomendou e para que finalidade. É o que veremos mais adiante.

B – Cidade de Zwolle

Hoje em dia Zwolle é a capital da província de Overijssel, mas nem sempre foi assim e a sua importância como centro mercantil é muito posterior ao da cidade de Deventer. Recebeu o estatuto de cidade em 1230, na dependência do bispo-príncipe de Utrecht, até à sua independência como cidade livre imperial em 1488, com os respectivos privilégios dados pelo imperador Frederico III, de usar de selo, bandeira e de cunhar moeda de ouro e de prata. Em 1572 foi conquistada pelas forças republicanas do norte e nunca mais voltou à posse da coroa espanhola. Do seu selo medieval, reproduzido nas páginas a cor, se pode ver a figura do arcanjo São Miguel, combatendo o dragão.

TIPO NL2/ZWO – Cidade de Zwolle, Portugalóide (10 ducados) s/d (1641). Anverso e reverso à maneira dos Portugueses de ouro de D. Manuel I. No escudo central figura São Miguel e o dragão, das armas municipais. Gravador de cunhos Gerrit Versefelt, mestre moedeiro Johan van Romonde (marca: roseta)

Anv: ★ AD : VALOREM : EMANVEL : REG: PORTVGAL : (Do valor da moeda do rei Manuel de Portugal) // • MONETA . AVREA . CIVITAT : SWOL (*Moeda de ouro da cidade de Zwolle*), em dois arcos de círculo concêntricos, entre cercaduras peroladas e lisa. Ao centro, ladeado de aneletes com pontos em cima e em baixo, um escudo coroado de formato português, tendo ao centro um escudo com S. Miguel e o Dragão das armas municipais e, na bordadura (dos castelos), sete escudetes.

Rev: ★ IN : CHRISTO : CRVICIFIXO : NOSTRA : SAL (*In Christo Crucifixo (Pendet) Salvatione Nostra – De Cristo crucificado depende a nossa salvação*), entre cercaduras peroladas. Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo, de formato tradicional, com um ponto ao centro e encimada por três pontos, cópia do português manuelino

● *Portugalóide ou 10 ducados*, ouro, dia. 39 mm, peso 35,16 g. Só se conhecem três exemplares: 1 – Da coleção real de Haia, depois em Leiden e no extinto GeldMuseum em Utrecht, inv. nr. NM-08017: dia. 39 mm, peso, 35,2 g. 2 – Da antiga coleção Lopez Suasso (adquirido no leilão da casa Bom de 24 de Julho de 1870, lote n.º 1990), agora no Museu de Amesterdão, inv.nr. KA 11885: dia. 38 mm, peso 35,08 g. 3 – Da coleção Leoni Kaseff do Rio de Janeiro, agora na coleção do Banco Espírito Santo em Lisboa: dia. 39 mm, peso 35,16 g. Bibliografia: Verkade 1848, estampa 227, nr. 4; Kerkwijk 1931, pp. 12-13; Trigueiros 1984, pp. 24-25; Friedberg falta.

Já referimos acima que o primeiro Portugalóide de Zwolle apareceu em 1829 numas escavações na cidade de Arnhem, tendo a sua gravura sido publicada na obra de Pieter Verkate em 1848. No entanto, só muito mais tarde, em 1931, é que aparece o primeiro estudo sobre a cunhagem de Zwolle, por Adolf van Kerkwijk, fundamentado nos documentos do arquivo municipal da cidade (actualmente no Centro Histórico da Província de Overijssel) onde se diz que:

«Os vereadores e o conselho de Zwolle deram em 18 Feb.1641 licença ao mestre moedeiro para cunhar um “Cruysaet” (Cruzado) de ouro, uma grande moeda de ouro, no valor de dez ducados de ouro, na imitação da moeda cunhada em Portugal no reinado de Manuel I (1495-1521) (“Portugalöser”). Estas moedas eram destinadas para o comércio com o Oriente, mas também foram usadas como peças decorativas, de



Verkade 1848, estampa 227.4

modo que às vezes aparecem pintadas em retratos a partir do século 17, pendentes de uma fita ou de correntes de ouro.

Da moeda de Zwolle apenas são conhecidas dois exemplares, um exemplar existente na colecção do gabinete real e que foi descoberto numas escavações em 1829 em Arnhem, o outro na coleção de A. P. Lopez Suasso, actualmente alojada no museu da cidade de Amesterdão.». Fotografia na estampa I.9. ³

Após consulta on-line ao Centro Histórico da Província de Overijssel, podemos agora dar a conhecer o texto original dessa decisão (ou resolução) da municipalidade de Zwolle de 18 de Fevereiro de 1641, sobre a cunhagem de portugalóides, cuja reprodução fotográfica segue nas páginas a cor.

STADSBESTUUR ZWOLLE, archieven van de opeenvolgende stadsbesturen (ID 0700); Archief van Schepenen en Raden en de hun opvolgende besturen; Eerste afdeling: Stukken van algemene aard; Resoluties, 1615-1674 (inv.nr.)

Inv. Nr. 183

1641, den 18 februarij

«Aan de Muntmeester Johan van Romunde, geaccordeert het maken van den Portugaleser en den Leeuwendaelder met genot van de uitterste remedie, mits dat diezelfde dat niet onder en komen en den generaalen voet te buiten gae, maar ook so verre daar binnen blijven als enigszins doenlijk, op dat also den selven penn[ingen] en also vervolgens deze stads Munthe geene reproche en komen te lijden en sulks alles bij provisie en tot revocatie.»

Arquivo Municipal de Zwolle – Arquivo de sucessivas administrações da cidade, ID 0700 – assuntos de natureza geral – resoluções de 1615 a 1674 (Inv. n.º)
(adaptado para holandês moderno e traduzido para inglês por Albert Scheffers)

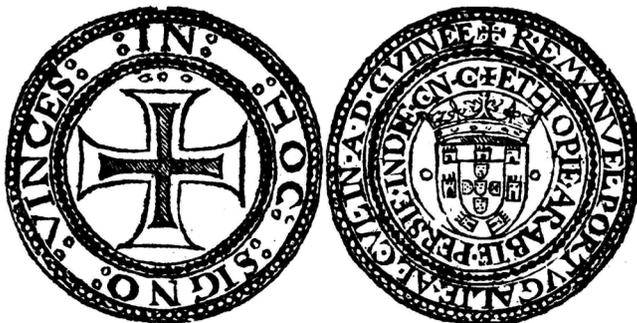
Inv. Nr. 183

1641, 18 de Fevereiro

“Para o mestre da Casa da Moeda, Johan van Romunde, é admitida a produção de Portugaleser e do Dalder de Leão no máximo remédio (no lucro do mestre), desde que ele (o mestre da Casa da Moeda) não passe por baixo da padrão geral (de liga e peso), e entre o remédio como de qualquer maneira é possível, para que a casa da moeda da cidade não possa ser acusada ou sofrer, e tudo isto com a provisão para o momento e enquanto não for revogada».

³ KERKWIJK, Adolf O. van. “De Munt te Zwolle”, in *Jaarboek voor Munt- en Penningkunde 18 (A Moeda de Zwolle, em Livro Anual para Moedas e Numismática)*. Amesterdão: P. A. Hemerijck, 1931, p. 12-13, estampa I.9.

**Den grooten Cruysaet van Portugael / Emanuel
 nnel/wrecht j. onse/ ij. ingelsen/ en xxvij. azen stijf/
 doet xl. gulden vyffstuyvers.**



Gravura do Grooten Cruysaet van Portugael Emanuel, publicada no Beeldenaer de 1614 (Haia): peso de “i onse, ij ingelsen en xxvij azen stijf”

Tal como anteriormente, resolvida esta questão sobre a autorização da cunhagem, permanece a incógnita do seu destino. No entanto, aparecem neste texto duas particularidades, uma que estabelece, tal como em Deventer, a cunhagem sem encargos para a cidade; a outra, que indica que a moeda devia obedecer ao padrão do português manuelino. Esta é uma novidade, que explica porque não houve necessidade de fixar peso e liga nas duas resoluções municipais, pois o padrão geral do “Grooten Cruysaet van Portugael Emanuel”, era sobejamente conhecido pela sua liga de ouro puro (23 3/4 quilates), com peso afixado em todas as Ordenanças publicadas desde 1544:

1 onse, 2 engelen en 27 azen (e meio)

Ou seja, no caso do marco da Holanda, de 246,084 grama, valendo 8 onças e estas 20 engeles, os pesos marcados nas Ordenanças serão: 1 onse = 20 engelen = 30,7605 g; 1 engel = 32 azen = 1,538025 grama; 1 aas = 0,0481 grama.

O grande Cruzado de Portugal teria então (30,7605+3,0765+1,32275):

Peso = 35,1593 grama ⁴

Note-se bem que os pesos dos três únicos exemplares conhecidos de Zwolle dão-nos exactamente este peso: **35,16 grama**. A conclusão que daqui se pode tirar é só uma: mestre Johan van Romunde cunhou estas moedas em rigoroso cumprimento das ordens recebidas do seu Conselho Municipal, cumpriu o padrão do grande Cruzado de Portugal e criou uma obra-prima: o grande cruzado de Overijssel de 1641.

Mesmo que estas amoedações não estivessem de acordo com as resoluções dos Estados Gerais da República, e a reforma monetária de 1606, nada haveria a apontar ao trabalho do mestre moedeiro de Zwolle, senão o seu grande zelo no rigor do peso desta grande moeda de ouro.

⁴ O peso legal seria de 35,482 grama, o que levanta um problema: se acreditamos nos experimentados cambistas de Antuérpia e de Amsterdão, então as moedas feitas em Lisboa vinham desfalcadas no peso.

C – A resposta dos Estados-Gerais da República Unida às cunhagens de Portugalóides em Deventer e em Zwolle

A revelação final: o seu destino era o Brasil

A regulamentação da circulação monetária na República dos Países Baixos teve lugar em 1606 pela *Muntordonnantie van de Staten-Generaal* (Ordenança sobre as moedas, dos Estados Gerais, de 21 de Maio), a qual serviu de padrão durante toda a existência da República. Num país com 14 casas de moeda diferentes a funcionar, municipais ou regionais (não existia uma casa da moeda central), todas zelosas dos seus direitos adquiridos desde o tempo do Império, e da arrecadação da senhoriagem monetária, muito rendosa, só havia uma solução para pôr ordem no caos em circulação: oferecer dinheiro para as cidades deixarem de cunhar moeda.

E foi isso mesmo que os Estados Gerais decretaram nessa grande reforma de 1606, cada cidade receberia, por ano, a quantia de 2.000 florins (cerca de 1,8 quilos de ouro) para deixar de cunhar moeda pelo período de três anos. Zwolle, Kampen e Deventer concordaram e embolsaram os 6.000 florins, mas pouco depois voltaram à cunhagem, para grande zanga do governo central. O que realmente incomodava era a recusa das casas de moeda de Overijssel em serem controladas pelo governo central, que tinha criado os postos de Mestre Geral da Moeda e de Ensaizador Geral da Moeda, para levar a cabo inspecções sobre os fabricos monetários, suas quantidades e qualidade.

A quantidade de moeda fabricada era importante, porque dava origem ao pagamento de taxas sobre a produção; quanto à qualidade da moeda, o ensaiador-geral permitia pequenos desvios no peso legal e na liga (nas instruções para os moedeiros refere-se com frequência a palavra “remédio”, que era precisamente o desvio permitido), mas grandes desvios podiam levar o moedeiro à cadeia, senão mesmo ao cadafalso. E as cidades de Deventer e de Zwolle eram das mais reticentes em serem inspeccionadas.

Por várias ocasiões, os Estados Gerais emitiram decretos a proibir o fabrico de moedas de prata e de ouro cunhadas em Zwolle, sob pena de pesadas multas. Na sua maioria eram moedas que imitavam outras estrangeiras, mas com menor peso ou conteúdo de prata, encomendadas por comerciantes franceses, de Marselha, Mônaco e do norte de Itália, destinando-se ao comércio com o império Otomano, no Levante mediterrâneo.

Não seria assim de estranhar que o governo central reagisse às amoedações de grandes ducados de ouro em Deventer e Zwolle, nos anos de 1640 e 1641. Os registos que ficaram das inspecções feitas e das resoluções tomadas pelos Estados Gerais da República, foram estudados e transcritos por Alberto Scheffers, que teve a gentileza de nos enviar, juntamente com uma tradução em inglês e as fotografias dos documentos originais, tal como se encontram no Arquivo Nacional dos Países Baixos, em Haia.

São documentos inéditos, que vão aqui publicados em estreia mundial, revelando um aspecto completamente desconhecido da história destes Portugalóides neerlandeses. Do primeiro e mais importante, deixamos aqui o seu registo integral em Neerlandês e um resumo em Português. Dos seguinte daremos a tradução de um resumo.

Page 686 v.– 687: 1641, November 8

Müntmeesters van Deventer en Zwolle - Münte

«Is ter vergadering geeelsen het schriftelijk rapport van de Raaden ende Generaalmeesters van de munt Van der Meijden ende Nagtegaal, geweest sijnde op de visite der respectieve munten, omme sig seekerlijck te informeeeren, of eenige Muntmeesters der vereengigde provincien van haar particuliere heeren hadden consent gekreegen, van meerder remedien in het maaken van haare penningen te mogen gebruiken, als haar Hoog Mog: instructie van den jaaren 1606 was meede brengende en bij examinatie van hetselve schriftelijk rapport bevonden sijnde dat verscheijde ongeregeltheeden hier ende daar op de munten waaren inkruijpende, ende onder andere meede dat bij **de muntmeesters van Deventer ende Zwol respectie geslagen waaren eenige gouden groote penningen in forme gedaante gewigte ende alloije van een Portugaloisere't welke schijnt aangelegt te sijn in dien niet hier te landen voor loopend geld te distribueeren deselve naar Brasijl te versenden, alwaar men geloofft deselve voor vijf en seeventigh guldens uijtgegeven worden, zoo wel de intrisqueweerde naar den teegenwoordige hoogen cours van den gelden deselve niet meer als ongeveerlijck vijftigh gulden zouden weerdigh sijn**, daar door dan niet te twijffele is of al het goud dat hier te lande gemunt of ongemunt zoude moogen sijn of koomen, sal in deselve geconventeert worden behalven dat soodanige singlariteit op de voors: munten van Deventer ende Swoll niet en mag geleeden worden Waarop gedelibereet sijnde is goedgevonden ende verstaan dat aan de magistraten van de gemelde twee steeden, ernstelijck sal geschreven worden de stempels der voors: **gouden portugaloisers** in te trecken ende die ordre te geven dat soodanige penningen voorttaan niet meer mogen geslagen worden, raakende voorts het consentere van meer remedien bij enige provintien aan haare respectieve muntmeesters gedaan, ende meede dat op de Rijksmunten de officieren gans geene instructie sijn hebbende, maar alleenlijck haar ampt bedienen op het bloot seggen ende onderrigtinge van den muntmeesters, sulks dat de muntmeesters in effect is sonder officieren, ende consequentlijck sonder opsigt ende evennwel het munten exerceeren, niet tegenstaande deselve steeden twee duijsend gulden 's jaarlijcks bij de Generaliteit is toegestaan omme van 't munten te abstueeren, omme welke twe pointen effectivelijck te remedieeren, is goedgevonden ende verstaan dat het voors: schriftelijk rapport sal gesteld worden in handen van haar hoog Mog: gedeputeerden, over t gansch stuck van den muntslagh, omme op aanstaande besoignes daar inne met ernst voorsien te worden»

**Arquivos Nacionais de Haia - Estados Gerais - n.º de acesso 01:01:02 - inventário
n.º 3200 (pág. nr. e data) - (leitura, interpretação e tradução para inglês
de um resumo das decisões por Albert Scheffers)**

Pp. 686 v.– 687: 1641, Novembro 8

Mestres da Moeda de Deventer e de Zwolle - Moeda (na margem)

«[Na reunião dos Estados Gerais de 08 de Novembro de 1641] foi lido o relatório escrito dos conselheiros e mestres gerais das casas de moeda (...), que foram visitar as várias Casas da Moeda, para se informarem sobre se algum dos mestre moedeiros das casas de moeda das Províncias Unidas recebeu permissão dos seus mestres para aumentar o “remédio” na produção das moedas, além daqueles estabelecidos nas instruções dos Estados Gerais ao mestre geral das Moedas Gerais de 1606. O relatório menciona várias irregularidades que eles viram nas diferentes casas de moeda. Uma dessas irregularidades era que os mestres das casas de moeda de Deventer e de Zwolle cunharam peças de ouro na forma, effigie [*gravura*], peso e liga do Portugaleser, destinado a ser exportado para o Brasil, onde acredita-se que irá circular por 75 florins, enquanto o teor de ouro não vale mais do que cerca de 50

florins. Após discussão, for decidido enviar aos prefeitos de Deventer e Zwolle uma ordem forte, para que os cunhos desses Portugaloser sejam retirados imediatamente»

Page 721 : 1641, November 26

Kampen

«[Na reunião dos Estados Gerais de 26 de Novembro de 1641] foi lida uma carta do prefeito e vereadores de Kampen de 22 de Novembro de 1641, na qual queixam-se de que a carta que os Estados Gerais lhes enviaram com a resolução de 8 de Novembro, não lhes devia ter sido enviada. Declaram que nunca acordaram ou autorizaram o seu mestre moedeiro a cunhar peças de ouro como o Portugaloser. Foi decidido enviar uma cópia desta carta ao magistrado de Deventer, sobre a resolução da cidade de 18 de Novembro, sobre o Portugaloser»

Staten van Holland

Pág. 46 : 1645, Março 4

Produção de stuivers duplos defeituosos e Portugaloser para Overijssel (na margem)

«Ficou claro pelos representantes de Amesterdão que, na província de Overijssel foram cunhados stuivers duplos com cerca de dez por cento menos do seu peso oficial, e também um Portugaloser com a efigie do rei de Espanha [*sic*] e o escudo de Deventer. Após deliberação foi decidido que ambos os assuntos serão mencionados na próxima reunião dos Estados Gerais, de tal maneira que o mestre da casa da moeda de Overijssel receba uma ordem por escrito dos Estados Gerais para justificar a sua produção de stuivers duplos e de Portugaloser, e que, depois disso, serão tomadas as reacções adequadas. Também ficou decidido que, no entretanto, os cunhos das duas denominações têm de ser retirados e as peças que ainda estejam disponíveis têm de ser destruídas»

Da leitura destes documentos, agora revelados pela primeira vez, fica claro que tanto Deventer como Zwolle cunharam os portugalóides de ouro, talvez por encomenda de accionistas da Companhia das Índias Ocidentais, tendo como destino o Brasil holandês, e não as Índias Orientais do Índico, como eu próprio erradamente indiquei em 1983.

Desde 1630, com a conquista de Pernambuco e a construção da cidade de Recife, que a WIC desenvolveu uma enorme actividade no desenvolvimento da indústria açucareira do nordeste brasileiro. A independência portuguesa face à coroa espanhola, em Dezembro de 1640, foi logo conhecida do governador-geral holandês no Recife, o conde Maurício de Nassau, em Fevereiro de 1641, por uma carta recebida via Inglaterra, um mês antes de receber outra carta do vice-rei de Portugal no Brasil, marquês de Montalvão, no mesmo sentido. Na Europa, várias embaixadas seguiram para França, Inglaterra, Catalunha e para os Países Baixos, comunicando a nova situação política. Para a República das Províncias Unidas seguiu Tristão de Mendonça Furtado, em Janeiro de 1641, que negociou o Tratado de Haia, assinado a 12 de Junho desse ano, que estabelecia uma trégua de dez anos e uma aliança militar entre os dois Estados.⁵

É precisamente neste período preparatório do tratado, que tem lugar a 18 de Feve-

⁵ *Cartas que escreveu o marques de Montalvão sendo vice-rei do Estado do Brasil, ao conde de Nassau...* Lisboa: oficina de Domingos Lopez Rosa, 1642

reio a autorização da cidade de Zwolle para a cunhagem de imitações de Portugueses de ouro, muito perfeitas e rigorosamente conformes o peso e a liga do original (muito embora de maior diâmetro, 39 mm contra os 34 mm do português), destinados ao Brasil: não pode ser apenas uma coincidência.

No Brasil de Nassau, a notícia do Tratado de Haia chegou a 3 de Julho de 1642, mas não impediu o conde-governador de continuar a conquistar território português, no Brasil e na costa de África, para controlar o mercado de escravos, necessários para o trabalho na indústria do açúcar. É a ocasião perfeita para os accionistas da WIC investirem no fabrico de uma grande moeda de ouro, para lucrarem 50 por cento no seu giro brasileiro, comprando açúcar para exportar para a Europa.

Uma dessas moedas, lançadas na circulação do Brasil, por lá ficou, guardada e preservada durante mais de 300 anos, até que foi parar às mãos de um coleccionador, Leoni Kaseff.

Outra dessas moedas regressou à Europa, pelos caminhos do comércio português e em Portugal circulou como genuína moeda manuelina, até receber em 1646 o carimbo “IOU” que lhe aumentou o valor liberatório para 10,000 réis. E é com essa moeda contramarcada, que a história continua e vem até aos nossos dias.

D – A moeda que enganou Teixeira de Aragão

Em 1874 é publicado o primeiro tomo da obra por todos considerada como a trave mestra da Numismática portuguesa, da autoria do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, que na *Descrição Geral e Histórica das Moedas Portuguesas*, apresenta e cataloga um portugalóide de Zwolle como o modelo do primitivo português de ouro, de D. Manuel I, que Vasco da Gama teria levado à Índia na sua primeira viagem de 1497-99. Dá depois conhecimento de ter sido o escritor João Pedro Ribeiro o primeiro a dar conta da existência dessa moeda de ouro, portando a marca “IOU”, na colecção do bispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo, moeda essa acabaria por ser roubada pelos franceses em 1808. E termina afirmando:

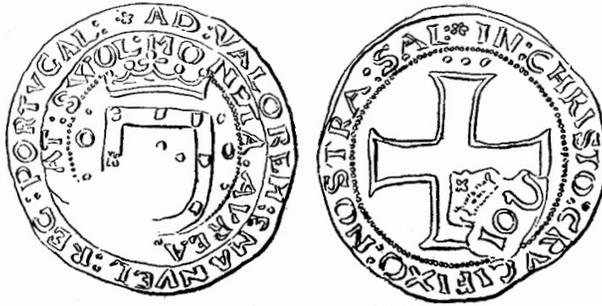
«Pelos dimensões e legendas não duvidamos ser esse o português em oiro de que fala o consciencioso escritor Gaspar Correia; lavrado, antes da saída da primeira expedição à Índia, em Swolle, capital da província d’Overyselles, onde se fabricava moeda para satisfazer as encomendas de diversos soberanos.

*A cópia em chumbo mostra ter sido tirada de um exemplar carimbado no reinado de D. João IV, depois da lei de 15 de Fevereiro de 1646, em que o marco de oiro foi elevado a 56:250 reaes, como indica a contramarca. Gaspar Correia diz que o português de oiro, primitivo, continha 10 cruzados, valor que se acha também indicado por Damião de Góis com relação aos lavrados depois da descoberta da Índia, e havemos verificado pelo peso nos exemplares existentes hoje em diversas colecções.»*⁶

TIPO NL3/ZWO – Cidade de Zwolle, Portugalóide (10 ducados) s/d (1641), como o anterior, com a contramarca “IOU coroadada” no reverso (Portugal, 1646).

Anv. e Rev. Como no tipo anterior. Contramarca “IOU” no quarto quadrante da cruz.

⁶ ARAGÃO, A. C. Teixeira de. *Descrição Geral e Histórica das Moedas...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1874, tomo I, p. 250-251 (estampa 13.1)



Aragão, estampa 18.1

• *Cópia em chumbo de um Portugalóide de Zwolle*, dia. 44.45 mm, carimbo com coroa 15x16 mm. A peça mostra sinais de ter sido coberta com um verniz amarelado e de ter sofrido um estiramento da esquerda para a direita, que distorceu a cruz e aumentou o seu módulo. A cópia teria sido oferecida à Biblioteca Nacional, em Lisboa, onde existia com o inventário n.º 1878. Recentemente, todo o espólio numismático dessa Biblioteca foi entregue ao Museu do Banco de Portugal. Bibliografia: Aragão 1874, l.250; Ferraro Vaz 1974; Trigueiros 1983 e 1984 (onde foi reproduzida pela primeira vez em fotografia)

A este carimbo se refere o eng. Joaquim Ferraro Vaz num primeiro trabalho de 1949, onde aparece também num português de ouro manuelino que pertencia à colecção do museu Soares dos Reis do Porto e hoje está preservado no gabinete de numismática da respectiva autarquia municipal. Em 1974 surge o seu estudo sobre os Portugueses de D. Manuel I, onde revela que o número 1 de Aragão é afinal um Portugaloser holandês de Zwolle.⁷

Foi com base no testemunho escrito de Teixeira de Aragão, que o coleccionador brasileiro prof. Leoni Kaseff veio propor ao Estado português em 1979 a compra do seu raro exemplar do primitivo Português de ouro manuelino, o qual, sem ser nem primitivo nem português, não deixa de ser um raro exemplar de um português, Portugalóide, portuguesa ou portugaloiser, moeda de ouro cunhada com o valor da moeda do rei Manuel, que ficará para sempre na memória dos europeus como o Grande Cruzado de ouro de Portugal.

A ele voltaremos no nosso próximo e último artigo desta já longa série.

Agradecimentos

Este estudo não teria sido possível sem a colaboração de alguns historiadores e numismatas holandeses. A Chris Teulings, secretário da Real Sociedade Numismática dos Países Baixos e a Martin Bloemendal, fico a dever o apoio no envio de informação publicada sobre as moedas de Zwolle; a Jan Pelsdonk, do GeldMuseum, a informação sobre o exemplar nessa colecção e a sua fotografia; a Anne G. van Geuns, assistente conservadora do Museu de Deventer, as espantosas fotografia dos cunhos da

⁷ VAZ, J. Ferraro. “Moedas de ouro carimbadas na época de D. João IV”, em Revista de Guimarães, 3-4, vol LIX, pp. 385-394. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1949. E depois, “Portugueses de D. Manuel I”, em Nvmmvvs, n.º 33. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, 1974 p

moeda de Deventer; ao numismata Dick Purmer, sócio honorário da Real Sociedade Numismática, de quem recebi o inesperado presente de ver o meu estudo de 1983 traduzido em Neerlandês, com algumas críticas e um apoio na tradução de textos do Almanaque de Overijssel de 1855; ao Museu de Amesterdão, que disponibilizou as fotografias da moeda de Zwolle no seu espólio; e a Jan Wigger, arquivista do Centro Histórico de Overijssel, que logo tratou de me enviar a tão desejada e aguarda fotografia da resolução do Conselho Municipal de Zwolle de 1641.

Por último uma palavra muito especial para o meu amigo Albert Scheffers, doutor em História pela Universidade de Leiden, que pôs os seus conhecimentos de numismática e de historiador ao meu alcance, e que por várias vezes se deslocou aos Arquivos Nacionais de Haia para ler, copiar e fotografar as resoluções dos Estados Gerais de 1641, que mudaram o conhecimento da história destas moedas. Este trabalho também é dele.

Lisboa, 6 de Dezembro de 2013

Bibliografia – Parte IX

ARAGÃO, A. C. Teixeira de. *Descrição Geral e Histórica das Moedas...*, tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874

Colecção Banco Espírito Santo - Colecção Carlos Marques da Costa. Lisboa: BES, 2008

FRIEDBERG, Arthur L, e Ira S. *Gold Coins of the World from ancient times to the present*, 8.ª edição. Clifton: The Coin and Currency Institute, 2009

JORDENS, W. H. Cost. “Geschiedenis van de Deventer Munt”. *Overijsselsche Almanak van Oudheid en Letteren* 20 (*Contribuições para a história da casa da moeda de Deventer, no Almanaque de Overijssel das Antiguidades para 1855, 20º ano*). Deventer: J.P. Lange, 1855

KERKWIJK, Adolf O. van. “De Munt te Zwolle”. *Jaarboek voor Munt- en Penningkunde 18 (A Moeda de Zwolle, em Livro Anual para Moedas e Numismática 18)*. Amesterdão: P. A. Hemerijck, 1931

TRIGUEIROS, António M. *Apreciação sobre a proposta de cedência de uma moeda de ouro ao Governo da República Portuguesa pelo Prof. Leoni Kaseff, do Rio de Janeiro*. Lisboa: arquivo do autor, 29 de Novembro de 1979

TRIGUEIROS, António M. *Moeda dos Descobrimentos, Prestígio de Portugal no Mundo*, comunicação apresentada no Congresso Internacional “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”. Lisboa: ed. de autor, 1983

TRIGUEIROS, António M. *Numismática e Medalhística*, separata dos catálogos da 17.ª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Lisboa: ed. de autor, 1984

TRIGUEIROS, António Miguel, e GOMES, Alberto. *Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos 1385 – 1580*. Lisboa: ed. Alberto Gomes, 1992

VAZ, Joaquim Ferraro. “Portugueses de D. Manuel I”. *Nymmvs*, n.º 33. Porto: S.P.N., 1974

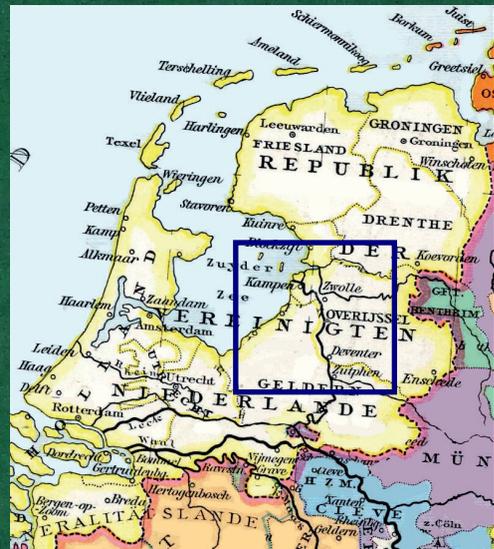
VERKADE, Pieter. *Muntboek, bevattende de namen en afbeeldingen van munten: geslagen in de zeven voormalig Vereenigde Nederlandsche Provinciën, sedert den vrede van Gent tot op onzen tijd* (Livro da Moedas, contendo os nomes e as imagens das moedas cunhadas na anterior República das Sete Províncias Unidas, desde a paz de Gent até ao presente dia). Shiedan: P.J. van Dijk, 1848

WIEL, Dr. H.J. van der. *De Stedelijke Muntslag van Zwolle* (Manual sobre as moedas municipais de Zwolle 1590-1693). Leiden: Mevius Numisbooks, 1994



DEVENTER

Uma vista actual
e uma planta das
suas muralhas
em 1652
(Blaeu)



ZWOLLE

Uma vista actual
e uma planta das
suas muralhas
em 1652 (Blaeu)



Amoedações de Portugalóides nos Países Baixos

Os Protagonistas



Em cima: o Conselho Municipal de Deventer

(Gerard ter Borch, 1667. Town Hall, Deventer)

Em baixo: a Assembleia dos Estados Gerais da República das Províncias Unidas

(Bartholomeus van Bassen, 1651. Rijksmuseum, Amsterdão, SK-C-1350)



Amoedações de Portugalóides nos Países Baixos Zwolle, 1641 com c/c “IOU” de 1646



Tipo NL3/ZWO - Cópia em chumbo (*Biblioteca Nacional, Lisboa*)

Selo medieval
de Zwolle, de 1306
com São Miguel e
o Dragão
(imagem invertida)



(*Stedelijk Museum
Zwolle*)



**Cópia em chumbo de um português de D. Manuel I, com
o carimbo “IOU”.** (*Museu Numismático Português, Lisboa*)